



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO

DE SANTA
RITA

O EMBIRRENTO DO BAIRRO

Por AGOSTINHO DOMINGUES

Nêlinho — assim era tratado na intimidade da família, aquele que, no baptismo, recebera o nome de Manuel Saraiva Pimentel — tinha a mania de embirrar por tudo e com todos, sem razão. Bem pequeno ainda, pouco mais de palmo e meio de altura, já era o tormento das criadas, que frequentes vezes se queixavam:

— «Minha senhora, o Nêlinho está a beliscar-me as pernas... O Nêlinho está a dar-me pontapés!...»

— «Esteja quiéto, Nêlinho!» — reprendia a mãe.

Mas o pequeno não só não obedecia, como ainda fazia caréatas à mãe, que o adorava demasiado para o castigar.

Sem compreender bastante o amor da mãe, para o apreciar e dele não abusar, foi crescendo em estatura e

maldade, a ponto de não poderem suportá-lo as criadas. Era raro o mês em que a criada, que entrava no mês anterior, não pedisse contas à patrão e mudasse de casa.

— «Mas porque queres deixar-me, repariga? Ainda outro dia entraste... Não te tenho tratado bem? Falta-te alguma coisa?»

— «Não é nada disso, minha senhora. A casa é farta, não me falta nada, a senhora tem-me tratado bem, mas...»

— «Mas quê, repariga? Fala! Dize o que tens a dizer...»

Demais sabia ela — e com que atargua! — a razão que ia ouvir. E as criadas, lendo-lhe nos olhos o que lhe ia na alma, evitavam de lho dizer. Despediam-se, muitas vezes tão comovidas como a patrão, que elas sabiam não conseguir fazer nada do filho.

Bem se ralava a pobre mãe a admoestar e a aconselhar o endiabrado pequeno:

— «Viu, viu o que fez? Estou outra vez sem criada por causa do menino... Torna a bater-lhes, torna? Ande, diga...»

Nêlinho mal ouvia a mãe, que o agarrava e que fôra forçada a largá-lo, tanto êle estrebuchou, dando-lhe safanões, pontapés e pisadelas.

— «Ah! meu maroto! Quando o seu pai vier, mata-o! Eu lhe contarei tudo, deixe estar...»

Já distante da mãe e a fazer diabruras, o malcriado apenas resmungava:

— «Pois sim, ralate!

— «Eu não tenho medo dele...»

No colégio, onde os pais se viram forçados a metê-lo, como semi-interno, a pesar-de estar a dois passos da casa, Manuel Saraiva



A.C.

Pimentel continuou a ser um vivo demônio, acrescentando, porém, aos seus modos irriquiétos, a malícia dos anos, a intriga e a inveja, que breve o tornaram antipático a todos os companheiros e professores.

— «Dize lá, Pimentel, que é um substantivo?» — perguntava-lhe, certo dia, o professor de português.

— «Substantivo... substantivo... é... Eu sabia, mas não me lembro.»

— «Não te lembras, ou não estudaste?»

— «Pois o João do Vale não me deixou estudar... Esteve sempre a brincar ao pé de mim...»

Sem a denúncia, muitas vezes falsa; sem a deslealdade tão feia e tão imprópria de colegas é que ele não passava. Porquê? Porque sabia que as iras do professor, que justamente o ameaçavam, iam recair, imediatamente, sobre o acusado. Mas não era raro acontecer que o visado o desmascarasse, repelindo a acusação e sabendo a lição na ponta da língua.

Então, aumentava a aversão e o desejo de vingança dos companheiros, que, silenciosamente, das suas carteiras, quando ele ia sentar-se, lhe lançavam olhares e faziam gestos, que ele compreendia muito bem.

Queriam dizer:

— «Lá fóra, no recreio, é que tu mas pagas tôdas.»

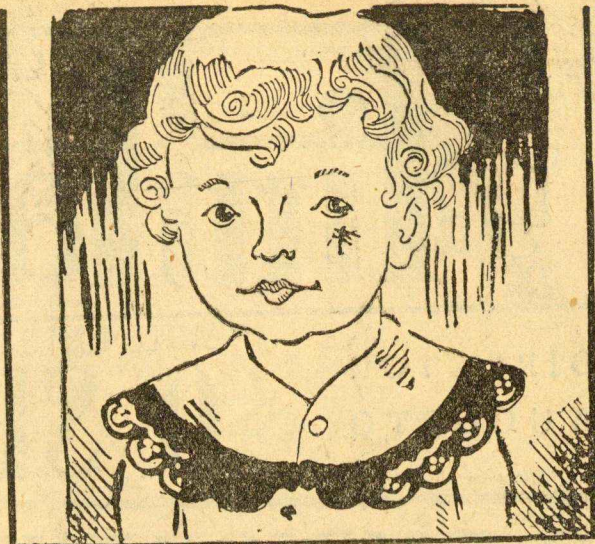
As vezes, ainda se voltava:

— «Senhor professor! Olhe, Fulano a ameaçar-me!...»

Mas isso de nada lhe valia. O professor já lhe não dava atenção, e os companheiros cumpriam o que prometiam, embora com mais benevolência do que ele merecia, só pela consideração e respeito que as suas famílias tinham pela fortuna dos pais do Pimentel.

Nos jogos, aos quais, com dificuldade era admitido, comportava-se da forma mais desastrada possível; mas, já que não brilhava nas aulas, queria triunfar nos recreios.

Estava-se, como agora, na época do jogo do pião. Coubera ao Pimentel deixar exposto às bicadas dos outros o seu pião, que, durante muito tempo, sofreu tratos de polé. Enraivecido, o amimado goroto ansiava pela desforra. E a sua vez chegou. Mas, por azar ou castigo, ao lançar, com toda a força, pela primeira vez, o seu pião contra o outro, sentiu cravar-se-lhe, junto de um olho, o férreo bico que ele desejaria vêr espetado em cada um



dos companheiros, tal a sede de vingança. A corda ficára presa à corôa do brinquedo; daí o desastre.

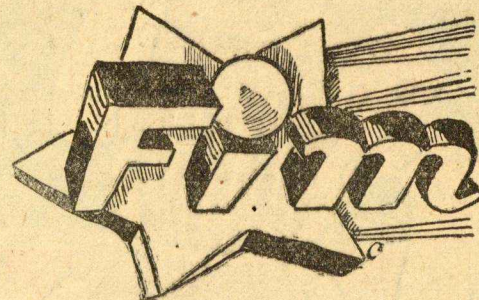
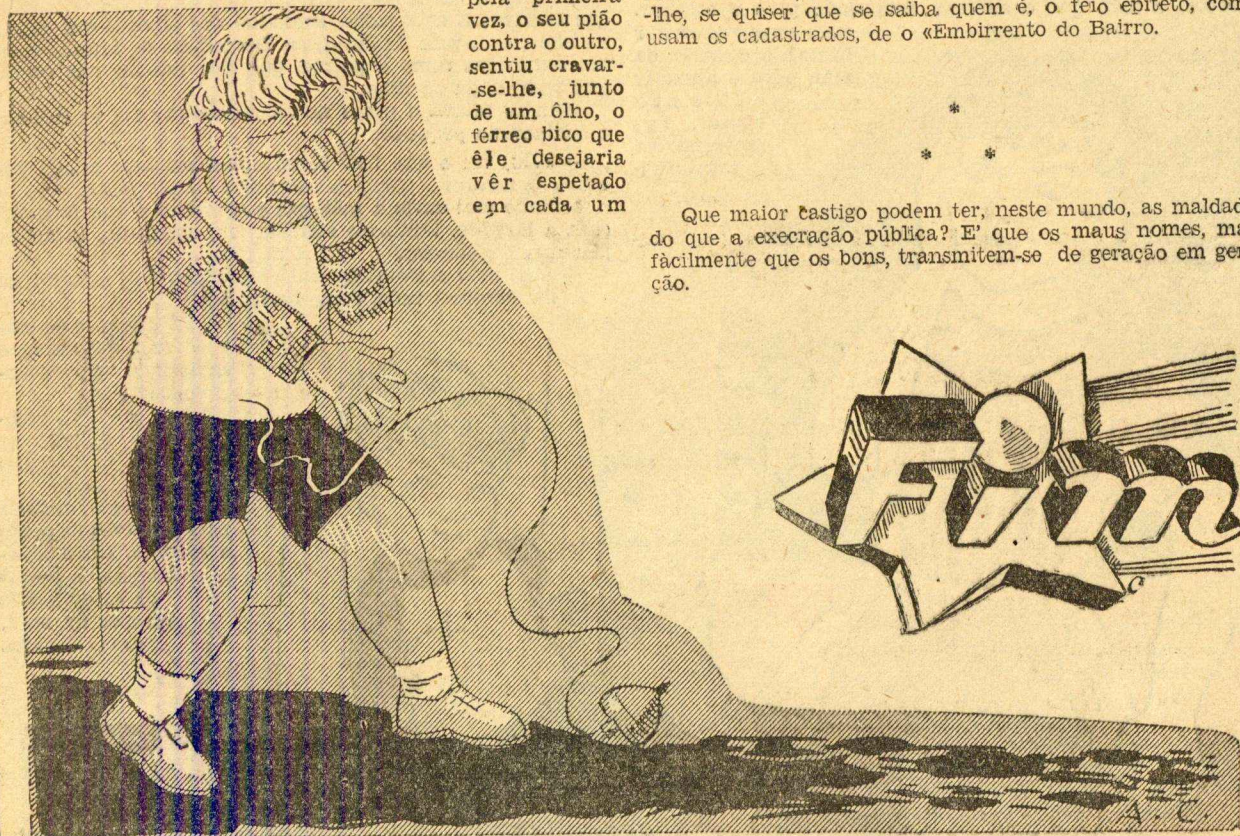
Escusado seria dizer que os companheiros do Pimentel, ao verem-no a jorrar sangue e a gritar, procuraram socorrê-lo — (sim, porque não eram tão maus como ele), — mas intimamente, como é natural, regosijavam-se com o castigo que dera a si próprio. E não foi pequeno castigo; não, senhores. Ainda hoje se nota a enorme e feia cicatriz, que, por estar tão perto de um olho, parece ter sido, também, um aviso.

Mas o pior castigo de Nêlinho não foi êsse. As suas diabruras de casa, contadas em toda a parte pelas criadas que se despediam e as suas intrigas e discórdias do bairro e do colégio, tornaram-no tão antipático a toda a gente, apesar-de não ser feio, que ninguém o conhecia senão por o «Embirrento do Bairro». Quere dizer: de futuro. Manuel Saraiva Pimentel, ao assinar o seu nome, terá de acrescentar-lhe, se quiser que se saiba quem é, o feio epíteto, como usam os cadastrados, de o «Embirrento do Bairro».

*

* *

Que maior castigo podem ter, neste mundo, as maldades do que a execração pública? E' que os maus nomes, mais facilmente que os bons, transmitem-se de geração em geração.



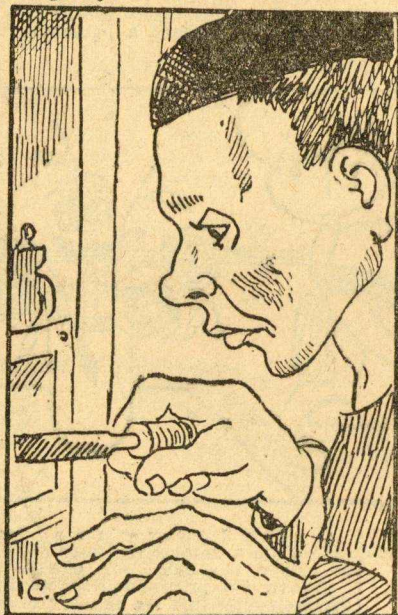
A. C.

Era uma vez uma porta

POR ALBERTO NEVES

Aquela orgulhosa porta
Era teimosa, era torta,
Era perversa, era má...
Tôda a noite e todo o dia,
Com persistência batia
Para lá e para cá...

Sua filha, a fechadura,
A-pesar-de ser bem dura,
Estava tôda partida...
Eis porque a porta, sua mãe,
Sempre, assim, nesse vai-vem,
Alegre passava a vida.



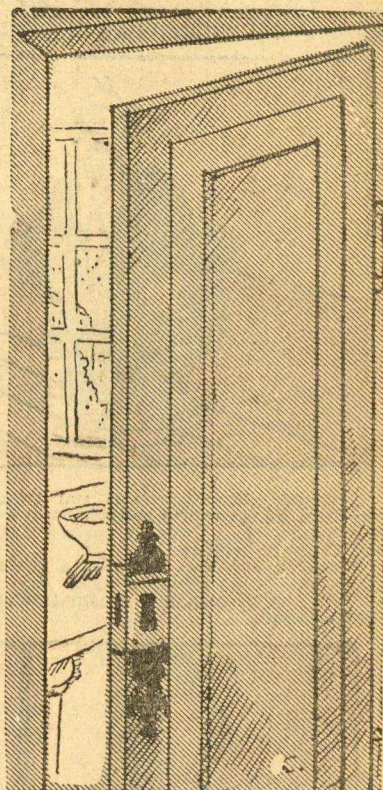
Sentia um grande prazer
Em andar sempre a bater
Por tudo e até por nada...
Com a filha não ralhava,
Pois se até a aconselhava
A conservar-se quebrada.

Mas, um dia, o seu patrão
Resolveu, e com razão,
Consertar a fechadura...
— Contratou um serralheiro,
Mandou vir um carpinteiro,
Para a porta estar segura...

A fechadura arranjada,
Chora, então, arreliada,
Calculem, façam ideia!...
Pois, só para maltratar,
— Até custa a acreditar —
Preferia antes ser feia.

Então, a mãe, a tal porta,
Que, como eu disse, era torta,
Murmura a choramingar:
— «Grande tristeza me alcança:
Já não masso a vizinhança,
Nem causo correntes de ar!...»

«Bem sei que sou atraente,
Mas, enfim, antigamente,
Muito mais feliz eu era!
Pois, então, escangalhada,
Puz muita gente irritada,
Era pior que uma fera...»



Como a porta e a fechadura,
Eu sei de muitos meninos:
Que fazem triste figura,
Pois preferem ser rabinos...

A N E D O T A S

Certo dia, um analfabeto, chegando à estação telegráfica, pediu ao telegrafista que lhe redigisse um telegrama que pretendia expedir.

— «Para quem é e o que deseja mandar dizer?» perguntou o empregado, dispondo-se a escrever.

— «Que tem você com a minha vida?!» — responde-lhe o analfabeto, muito irritado.

Um pequenino de 7 anos, tendo acabado de escrever uma carta, que endereçara à Madrinha, entregou-a à criada que, juntamente com outras que o pai escrevera, se dispunha a ir deitá-las na caixa do correio. Mas, ao vê-la misturar as cartas, exclama ingenuamente:

Concurso: — GRANDES de PORTUGAL

AVISO AOS CONCORRENTES

Terminando no próximo dia 23 a publicação da série de 100 figuras que constituem o nosso Concurso, avisamos os pequeninos leitores de que o prazo para a entrega das cadernetas, começa no dia 24 e termina no dia 10 de Janeiro próximo.

Tornamos a repetir, que as cadernetas deverão ser feitas à vontade dos concorrentes, trazendo colados os versos e desenhos, com a decifração. Terão, na capa, o nome e a morada do coleccionador, devendo ser enviadas, pessoalmente ou pelo correio, a *Pim - Pam - Pum* Rua do Século, 43 Lisboa.

Depois de expirado o prazo da entrega, publicaremos os nomes dos «Grandes de Portugal».

— «Não mistures a minha a essas, rapariga!»

— «Porquê, menino?»

— «Porque a minha vai para Barquinha e as outras levam outro destino.»

HISTÓRIAS de FLÔRES

Por VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

Leonor entretinha-se muito no jardim, a conversar com o jardineiro, um vélhote tão sabedor de histórias de flôres que é um gôsto ouvi-lo.

Uma das coisas que mais impressão fazia à cabecinha de Leonor, era êle teimar que as flôres podem simpatizar umas com as outras, ou odiarem-se, como os piores inimigos!

Um dia, o jardineiro disse à menina, ao vê-la embaçada diante duma linda rosa: — «A Leonorzinha quer fazer uma experiência com essa rosa?»

— «Já se vê que quero, Romão!»

— «Pois vamos a isso! Precisamos duma jarra.» Logo, Leonor correu para casa.

— «Vou já buscá-la!» — e, daí a um instante, apareceu com a jarra nas mãos.

Já o Romão cortara a rosa da roseira e apanhara um molhinho de réseada.

Encheu a jarra com a água do tanque e meteu-lhe dentro as duas flôres.

— «Deixemos, agora, a jarra aí, na borda do tanque e vamos vêr se os malmequeres estão mais crescidos.»

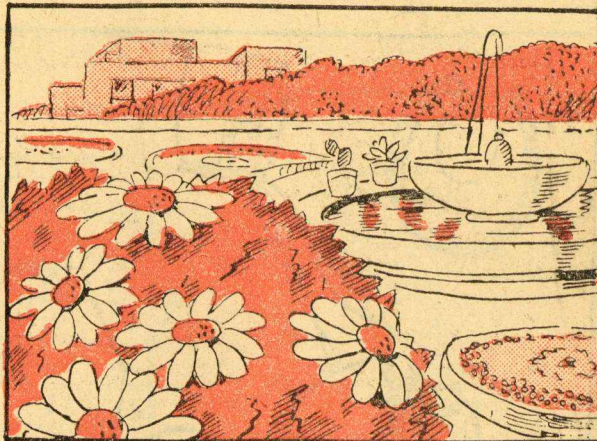
Isto dizia o jardineiro para levar dali Leonor.

A pequena seguiu-o, obediente e, também, porque andava muito interessada com o crescimento duns malmequeres tão altos, que já lhe chegavam à cintura.

Mas estava nos ares!

A todo o momento, perguntava, impaciente: — «Ó Romão, quando vamos vêr a rosa?»

— «Daqui a pouco.» — respondia, plácido, o vélhote, enquanto cortava as hastes já sêcas do renque de malmequeres.



Passada meia hora é que êle disse: — «Agora, já podemos voltar ao tanque.»

Leonor não quiz ouvir mais nada:

Desatou a correr à frente do velho e, quando êle lá chegou, viu-a pasmada a olhar a jarra.

— «E então o que diz a menina?» — perguntou-lhe, malicioso.

— «Não percebo nada disto! A rosa que estava tão direitinha quando a meti na jarra, está, agora, que parece uma cobra tôda enrolada à réseada. Daqui a nada, esta murcho, coitadinho! Assim, tão apertado!... É um abraço que ela lhe dá, Romão?»

— «Qual abraço, nem meio abraço! As duas flôres, se não se separamos, esmagam-se uma à outra.»

— «Ora essa, porquê?»

— «Porque se odeiam! Mas eu deito mais as culpas à maldade da rosa! Ela é que embirra com a réseada e, assim que a apanha a jeito, faz-lhe esta partida!»

— «Então, sempre é verdade o que me dizias! Há flôres que não se dão umas com as outras, tal eu com a prima Mimi! É tão má como a rosa!»

Implica comigo!... Faz-me zangar!... Se pudesse era capaz de se enrolar em mim para me fazer tanto mal como a rosa à réseada!»

O jardineiro riu-se: — «Mas a menina se não se entende com a Mimi, é muito amiga da outra prima, da Luzinha...»

— «Dessa gosto! Nunca embirrou comigo! Quem me dera brincar com ela todos os dias!»

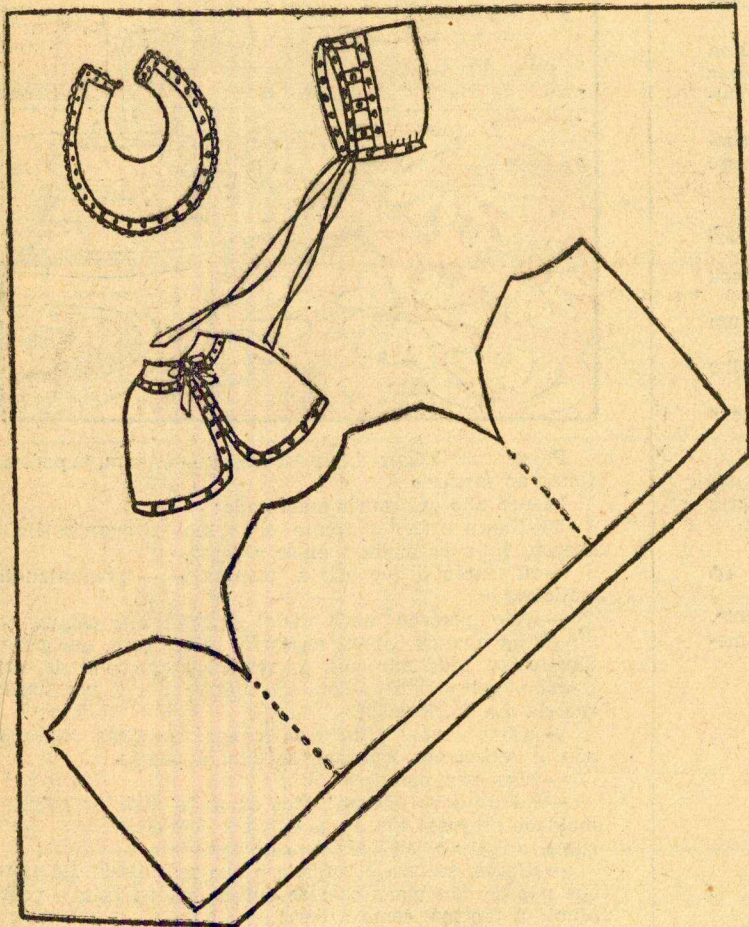
— «Pois vamos fazer ainda outra experiência, valeu?»

(Continua na página 6)



O CESTINHO da COSTURA

SECÇÃO PARA MENINAS—Por ABELHA MESTRA



Minhas queridas abelhinhas:

A estas horas, que imensidade de brinquedos e de outros presentes não andarรก já, por certo, o generoso Menino Jesus a preparar para a sua distribuição na noite de Natal.

Muito devem ter trabalhado as fábricas do céu! Eu nem quero pensar na azáfama que por lá vai.

Uns provêm do menino Jesus, outros dos Avós, dos tios, dos padrinhos, do Pai e da Mãe que sempre, nesta quadra, vos presenteiam com um lindo fatinho novo.

Seguindo este belo exemplo, porque não hão-de, também, vocês confeccionar e oferecer uma *toilette* nova aos vossos bebês? É, como vêem, uma ótima idéia, que espero irão pôr em prática.

Vamos lá, então, buscar as agulhas, linhas e alguns retalhinhos, a-fim-de fazermos uma touca, *babette* e capa.

Cortem esta última de modo que lhes cubra o fatinho, para agasalhá-los bem. O melhor tecido será uma flanela de pêlos.

Como único enfeite, guarnecem estas três peças com nózinhos.

Continuarei a publicar, este mês, mais peças de vestuário, pois quero ver os vossos bebês confortáveis e janotas.

Vossa

Abelha Mestreira

HISTÓRIAS DE FLÔRES

(Continuação da página 5)

— «Mas hás-de, primeiro, tirar a rosa e a reseda da jarra. Senão murcham. Quere dizer, morrem.»

— «Porque não as tira a menina?» — perguntou o Romão, muito sonso.

Leonor, encheu-se de coragem e pegou nas flores, a medo, dizendo, apreensiva:

«—Sei lá, se não mordem!... A rosa parece até mais feia, desde que está má! — e, com esforço, desentrelaçara-a da reseda que pendia, emurcheda.

— «Está assim, com a sova que apanhou! É como o mano Zézinho, quando o mano Joaquim lhe dá pancada! O Zézinho é mais fraco, coitado!...»

O jardineiro sorria, ao ouvir as divertidas reflexões de Leonor.

— «Agora, a menina, torne a dar-me a rosa» — disse êle. Leonor entregou-lhe a flôr, já firme no seu pé.

Vai, o Romão foi apanhar uma molhada de cravos e umas margaridas.

Juntou essas flores com a rosa dentro da jarra.

— «Estas, pode a menina levá-las para casa.

Verá que até murcharem, viverão sempre juntas, muito amigas.

— «Como eu e a Luzinha!»

— «Assim mesmo!»

— «Gosto tanto das tuas histórias verdadeiras! Tu és um sábio, Romão!» — exclamou Leonor, olhando o velhote, com a maior consideração.

O jardineiro tornou a rir e acrescentou:

— «A menina não se vai, sem ouvir mais esta. Há outras flores ainda piores!...

Essas não gostam de nenhuma das outras! Detestam tôdas! E sabe qual é a pior das flores?»

— «Eu não! Dize lá!...»

— «Olhe aí para o canteiro à direita, cheio de lindas florinhas brancas.»

— «É o *muguet*!» — disse Leonor, com ar entendido.

— «Pois êsse lindo muguet é de tôdas as flores, a mais maldosa! Tem de viver separada, se não mata os companheiros!»

— «Estou a vêr que quanto mais lindas elas são, mais maldade têm! E eu que gostava tanto de vocês!» — rematou Leonor, desconsolada, dando palmadas sobre as florinhas, com pena que a sua formosura escondesse assim tanta maldade.

Hora de Recreio

Número 29
3.º CAMPEONATO

Secção Charadística

16 DEZEMBRO
1 9 3 7

RESULTADOS DO N.º 23

DECIFRAÇÕES

1 — Botelhas — bôlhas; 2 — Surrado surdo; — 3 Pintassilgo; 4 — Portugal; 5 — Quem seu carro unta seus bois ajuda; 6 — Quem vintem poupa, vin-tem ganha.

PRODUTORES

QUADRO DE DISINÇÃO

N.º 6 — Armando Jorge — 9 votos
N.º 5 — Nêcas L. Mano — 5 votos

N.º 1 de Carlos F. Cotter Moreira, e n.º 2, de Carlos V. Sousa, 4 votos cada;

DEDIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Fred Cachimbeque, Pimpim, Pipecas, Alfredo Matos Boavida, Tomigas, Ezco Pais e Sob-Chávena. (Totalistas)

QUADRO DE MÉRITO

Homem-Sombra, Artur de Melo Cabral, Zé de Arganil, João de Almeida, Sandú, Crisante Taborda, Jaime Ferreira, Armando Jorge e Renato Rodrigo Paulo, 5; Jorge Pereira, José Antunes Baptista, Né-lito Arta, J. Guelhas, 4; Rex, Zé e Delca; 3.

ENIGMA PITORESCO



CHARADAS

NOVISSIMAS

2 — A base dêste lençol de água parece mar 1-2.

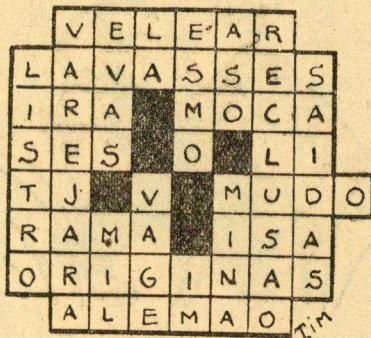
Pirilito

3 — Parte do corpo da videira dá semente de certos frutos. — 1-2.

Rabêta

PALAVRAS CRUZADAS

DECIFRAÇÃO DO PROBLEMA N.º 14



DECIFRADORES

Delca, Jorge A. Pereira, Tacos, Far, Armando Jorge, Jaime Ferreira, Pimpim, Renato R. Paulo, Né-lito Arta, Armando Garcia Felix, Maridália, Fred Cachimbeque, Alfredo Matos, Zé de Arganil, José Antunes Baptista Adriano Reis, Tivord, Martos, Pacatinha e Ezco Pais.

COMBINADA

4 — 1 + fã = trabalho
1 + te = nascente de água
1 + ba = chefe de tribu africana

Conceitos: Nome de homem

Né-lito Arta

EM LOSANGO

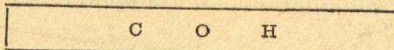
5 —
* * * * *
* * * * *
* * * * *
* * * * *
* * * * *
* * * * *
* * * * *
* * * * *
* * * * *
* * * * *

Consoante
Após
Palidez
Civilização
Brotas
Gracejas
Vogal

Patinha

ENIGMAS TIPOGRÁFICOS

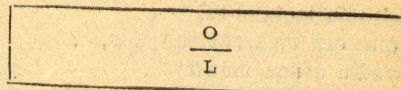
6 — Com duas letras,



8 letras

Necas L. Mano

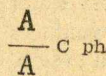
7 — (A gentil «Maridália»)



6 letras

Ricardito

8 — (Dedicado à «Maridália»)



Sob — Chávena

9 — 17 letras

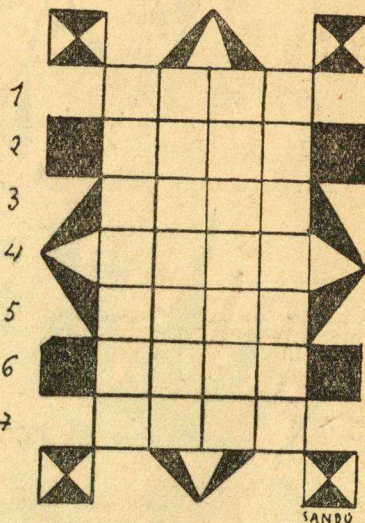
ENIGMA

Com duas letras
Mas não vogais,
Um belo bôlo
Decerto achais.

Reporter Mistério

ACRÓSTICO

10 —



1 — Lugar de desembarque na margem dos rios ou no mar; 2 — Instrumento ofensivo ou defensivo; 3 — Régio; 4 — Rapariga; 5 — Peça de artilharia em forma de morteiro, para lançar granadas. 7 — Planície; 7 Ligar. Conceito (nas colunas laterais, marcadas com uma cruz): Dois portugueses ilustres.

CORRESPONDENCIA

De Negro. — Na maioria, boas. Hoje, como atingisse a sua altura, ainda publicamos um trabalho firmado com o antigo pseudónimo, para não ser prejudicado Cada campeonato é de 12 números, portanto o segundo começou com o n.º 13, o terceiro com o 25, etc.

TUDO O QUE É DEMAIS...

Por LAURA CHAVES

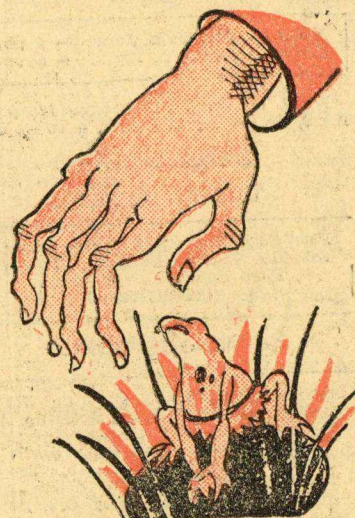
Porque já pinchava de alto e já nadava às pernas, galgava as pedras dum salto em cabriolas faladas, aquela menina rã, que era uma rãzinha tôla, pediu à sua mamã que a mandasse para a escola. Como tinha boa voz queria saber cantar, dar os «rés» e dar os «dós» sem a garganta estragar. Foi para a escola da moda, que a mamã fez-lhe a vontade, e já dava a escala tôda com muita facilidade. Vai, passava o dia inteiro, dó, ré, mi, fá, sol, lá, si! nem saía do lameiro... — lá, sol, fá, si, dó, ré, mi!...

— «Minha filha está maluca, já não nada nem mergulha,



passa a vida, truca, truca, a berrar, a fazer bulha!» dizia a mãe da rãzinha, bastante penalizada.

Até que, certa tardinha, a rã tôda entusiasmada, soltou mais forte o seu trilo e com mimo, com capricho, que era mesmo um gôsto ouvi-lo, pôs-se a cantar o «Cochicho». E durante horas a fio tanto a rãzinha cantou que nem sequer presentiu que um rapaz se aproximou, com cuidado, com cautela,



devagar, com pés de lâ... Caiu uma mão sôbre ela e era uma vez uma rã.

O que eu desejo, o que eu quero, é que fique bem provado que, na vida, o exagero dá sempre mau resultado.

F

I

M

BREVEMENTE:

Um novo e ORIGINAL CONCURSO